RÁDICE: PASSADO E FUTURO

Alessandra Daflon dos Santos
Ana Maria Jacó-Vilela
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

RESUMO: Este artigo apresenta a Rádice – Revista de Psicologia, produzida por psicólogos cariocas entre 1976 e 1981. Esta revista foi de grande importância (intelectual e afetiva) para a geração que, durante o período da ditadura militar brasileira, graduava-se em psicologia. Levava aos seus leitores matérias sobre temas variados e polêmicos, não existentes nas revistas de psicologia da época, como a repressão política, o tratamento desumano nos hospitais psiquiátricos, a regulamentação da profissão de psicólogo, as terapias corporais, entre outros. Participava, com outras publicações “nanicas”, do Comitê de Imprensa Alternativa, indicando sua participação ativa nos debates políticos ocorridos à época. A Rádice é, pois, um analisador da constituição histórica da psicologia carioca, sendo um dos poucos dispositivos de divulgação do pensamento de outras formas de se fazer psicologia.
PALAVRAS-CHAVE: história; psicologia; Rádice.

RÁDICE: PAST AND FUTURE

ABSTRACT: This paper presents “Rádice” – a psychology magazine, published by psychologists from Rio de Janeiro between 1976 and 1981. This publication had a huge intellectual and emotional importance for a generation of psychology students graduated during the period of militar dictatorship in Brazil. “Rádice” offered to its readers papers on diverse and polemical themes, unusual to psychology publications of that epoch, such as political repression, nonhuman treatment in psychiatric hospitals, regulation of the psychologist profession, and corporal therapies. “Rádice” was, like other small publications, part of the Alternative Press Committee, and had an active participation on the political debates of that time. “Rádice”, thus, allows us to analyze the history of psychology in Rio de Janeiro, being one of the fews devices to present other ways of doing psychology.
KEY WORDS: history; psychology; Rádice.

> ...quantas coisas perdidas e esquecidas no teu baú de espantos...”. (Quintana, 2001)

“Rádice muito prazer!” assim começou a jornada da revista que se transformou em um veículo do pensamento vanguardista de uma geração de psicólogos cariocas. O tema que apresentamos como tese de doutorado se refere à análise da trajetória da “Rádice - Revista de Psicologia”, publicada na segunda metade dos anos 1970 e início dos 80.

Esbarramos com a Rádice durante a elaboração da dissertação de mestrado. Este fato provocou um desvio considerável no trabalho, passando a revista a ser sua fonte principal. Ali encontramos matérias sobre as políticas e o trabalho dos profissionais de saúde mental, as denúncias de maus tratos e violências que ocorriam dentro dos hospitais psiquiátricos brasileiros, além de fornecer visibilidade aos enfrentamentos e conquistas políticas dos profissionais de psicologia, como a criação da primeira Associação Profissional de Psicólogos (APP/RJ), temas caros à nossa dissertação.

Todas essas histórias e muitas outras se encontram nas páginas da Rádice, revista viva, pulsante, as discussões e reflexões ali impressas se mantendo na ordem do dia.

O objetivo deste texto é, portanto, apresentar um pouco da trajetória da Rádice, tendo em vista o quase total desconhecimento de sua existência não só pelos estudantes e profissionais de Psicologia do Rio de Janeiro, onde teve maior presença, quanto também do restante do país. Para tanto, dividiremos este trabalho em alguns tópicos. Primeiramente apresentaremos algumas linhas mestras da história “formal”, digamos assim, da Rádice. Em seguida, descreveremos o seu processo de construção, analisando seus três primeiros números, o que representou no final dos anos 1970.

Rádice, um Pouco de História

A Rádice foi uma grande invenção. Surgiu em 1976 e insistiu[1] até 1981, transformando-se, posteriormente, em um jornal chamado *Rádice – Luta e Prazer*, que aos poucos foi deixando o nome “Rádice” de lado, mantendo apenas o *Luta e Prazer*, durando, assim, até 1984.

Um dos principais responsáveis por essa história foi o psicólogo Carlos Ralph, ou Cê Ralph, como assinava as matérias e os editoriais da revista. Muitos outros também contribuíram - e insistiram - por bastante tempo, na produção de uma revista que fosse veículo das lutas então travadas: as transformações no campo da saúde mental; as discussões sobre os currículos de psicologia; a repressão dentro dos *campi* universitários; as novas propostas em relação à regulamentação da profissão de psicólogo; as denúncias de torturas e desaparecimentos daqueles que lutavam contra o regime militar não só no Brasil, mas também nos demais países da América Latina; a divulgação de autores como Foucault, Guattari, Basaglia, Laing, Nise da Silveira, Garcia-Roza, entre outros.

Tudo na revista era trabalhoso e artesanal, da elaboração das matérias à distribuição, o que comprometia sua periodicidade, muito pouco regular. Seu público alvo era o universo “psi”, pessoas interessadas em psicologia, psicanálise e psiquiatria.

[1] Insistiu” porque em tempos tão duros – estávamos, é bom lembrar, em plena ditadura militar. Assim, só insistindo, e muito!

Através da leitura atenta dos números da Rádice, estabelecemos três momentos marcantes em sua trajetória, no que diz respeito aos temas dos artigos ou objeto de discussão em diversas seções e matérias. Assim, no primeiro, entre os temas discutidos e apresentados destacam-se a anti-psiquiatria, as denúncias dos abusos que ocorriam dentro dos muros dos hospitais psiquiátricos, além de tratar das arbitrariedades da ditadura militar. Já no segundo, as discussões voltaram-se para comportamento e sexualidade, "*foi ficando mais reichiana*"[2], sem que isso implicasse um abandono dos temas iniciais, da postura crítica e da irreverência – marca da revista.

O terceiro momento, por sua vez, pode ser entendido como um desdobramento do segundo: nos anos 1980, o grupo que produzia a revista resolveu publicar uma outra que fosse veículo de trabalhos desenvolvidos nas universidades, surgindo a *Rádice Teoria/Crítica,* com entrevistas e matérias sobre temas controvertidos e pouco abordados. Representava a perspectiva de se fazer um "*jornalismo da teoria*", como consta do único número da revista, publicado em 1980. No editorial deste, Ralph apontava duas premissas básicas: "*a valorização do debate, da discussão, mas enquanto veículo para a publicação dos textos; e, a valorização do espaço do leitor, fundamental para a revista, pois suas páginas encontravam-se abertas a todos*" (1980: *Rádice, 1*(1), Editorial).

Ainda nesta década, Rádice ousa mais uma vez:

> Imagine um encontro de muitas pessoas de cabeças abertas, numa linda casa antiga cercada de bosques por todos os lados. Imagine uma programação de 108 eventos em quatro dias de sol. Imagine que nesse espaço, nesses dias, discutiram-se inúmeras alternativas para a prática psi no Brasil e fique de água na boca. (1980: *Rádice, 3*(13), 20-23).

E ficamos! Este foi o I simpósio Alternativas no Espaço Psi, organizado junto com a Livraria Muro. Aconteceu na Escola de Artes Visuais, no Parque Lage, no Rio de Janeiro e reuniu cerca de novecentas pessoas. O tema foi "Sério Alegre", expressando bem sua finalidade, discutir, descontraidamente, questões importantes para o campo psi.. Vale a pena apresentar uma síntese do programa do Simpósio, imperdível...

O programa geral do Simpósio foi dividido em três: Oficial, Paralelo e Surpresa. No Oficial, mesclaram-se conferências e exposições sobre trabalhos alternativos e questionamentos teóricos com práticas e vivências corporais de psicodrama, bioenergética, biodança e outros. No Programa Paralelo, informação e arte: filmes, peças teatrais, teatro de bonecos, Do-In, áudio-visuais. No Programa Surpresa, as surpresas, claro: baile com orquestra, shows musicais, rádio Sério Alegre, um clarinetista no telhado, capoeira, massagens e Madame Zulema, a cartomante, atraindo filas e curiosidades. 'As cartas não mentem...' (1980: *Rádice, 3*(13), 20-23).

[2] Ralph, em entrevista realizada em 04/06/2002.

Mais três outros encontros aconteceram. O II Simpósio, em 1981, teve como tema central "A Política do Corpo". Em 1982, quando a revista já havia se transformado no jornal *Rádice Luta & Prazer*, aconteceu o III Simpósio, cujo tema era "Expressões de vida". De acordo com Coimbra (1995), deste simpósio participaram os psicólogos e psicanalistas do IBRAPSI[3], representantes dos movimentos sociais e alguns exilados recém-chegados ao Brasil. O IV e último Simpósio aconteceu em 1983; seu tema foi "Prevenção, psicologia e política".

Também marcaram aquele momento "os ciclos", organizados com a proposta de debater os trabalhos de Wilhelm Reich. O I Ciclo Reich, em 1981, voltou-se principalmente para as práticas reichianas e neo-reichianas. O II Ciclo com o tema "Desenvolvimento e Aplicações Práticas do Pensamento Reichiano", ocorreu em 1983.

Estes dois tipos de eventos marcaram época e a trajetória daqueles que tiveram a oportunidade deles participar, ao apresentarem temas que propunham uma visão mais abrangente da psicologia e apontarem para os atravessamentos desta com outros campos, como o candomblé, os ensinamentos orientais, o direito ao aborto, a política, a filosofia, as questões da psicanálise, o psicodrama, o teatro, a biodança etc.

Ao discutir o surgimento da nova esquerda ou esquerda alternativa nos anos 1970 no Brasil e no mundo, Araújo (2000) diz que, em todo o mundo pós-68, surgiram movimentos que pretendiam "reinventar a política". Esses novos grupos questionavam o comunismo ortodoxo, o socialismo e a burocratização da política. Criticavam o imobilismo do Partido Comunista e pregavam ações extremas e radicais para que ocorressem as transformações sociais que acreditavam urgentes.

Também no Brasil, os grupos que constituíam o que a autora chama de "nova esquerda", ou esquerda radical, ou ainda esquerda alternativa, não eram apenas opositores à ditadura – como haviam sido os grupos e movimentos dos anos 1960 - mas também, ou principalmente, à ordem instituída, à cultura dominante, entendidos como presentes inclusive nas próprias organizações de esquerda. Aqueles grupos se pensavam como uma alternativa para a própria esquerda, pois pregavam, para além das mudanças no universo macro da política, do Estado, da ordem econômica, as transformações na vida cotidiana, nos modos de ser e agir de cada um.

Ao nosso ver, a revista Rádice é um analisador[4] da constituição histórica do campo "psi" carioca. Visando a fundação/invenção de novas práticas, através do

[3] Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições (IBRAPSI) fundado por Gregório Baremblit, Chaim Samuel Katz e Luiz Fernando de Melo Campos. Foi lançado publicamente em 1978 no I Congresso Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições. Muitos dos seus outros colaboradores eram argentinos – em sua maioria fugindo da repressão – que propunham uma clínica social, com ênfase nas questões que se referiam ao campo da saúde mental. As idéias do IBRAPSI se contrapunham às das sociedades "oficiais" de psicanálise que se empenhavam na defesa do que entendiam como sendo a "verdadeira psicanálise" e apostavam em uma clínica privada e intimista. Sobre esse assunto ver Rodrigues (2002).

questionamento da psicologia baseada em modelos "clássicos", individualistas e a-históricos, propôs caminhos alternativos para a psicologia, entendendo-a como prática social e política.

Descrevemos, a seguir, o processo de construção de seus três primeiros números, exercício fundamental para podermos construir sua história – ou uma história, entre outras tantas possíveis.

É importante relatar, inicialmente, a dificuldade de acesso a exemplares da revista. Rádice ficou guardada em baús, os estudantes e profissionais de hoje não têm acesso a ela, pois, com sua proposta de uma psicologia alternativa, nunca fez parte de acervos institucionais. Encontramos a maior parte dos números no acervo do Núcleo Clio-Psyché/UERJ. Carlos Ralph nos cedeu uma coleção completa, além de muitos outros documentos.

O olho procura detalhes no labirinto de Dédalo

Não dá para esquecer a voz da professora: "o que você quer perguntar para o documento?", que perguntas fazer à Rádice? Pois sabemos que o olho só vê a totalidade – a revista em sua inteireza. Nunca havia pensado em como se faz uma revista. *E agora José?*[5]

Diferentemente do personagem mitológico, não pretendemos triunfar sobre o labirinto. Queremos conhecer suas reentrâncias, seus caminhos curvilíneos, sinuosos, perdendo-nos cada vez mais nas páginas da revista, um emaranhado de perguntas surgem. O exercício é dizer sobre, refazer seus caminhos, descrevê-la. Tarefa não muito fácil, pois, na maior parte dos números publicados, não encontramos aqueles dados esperados em revistas – em muitos não há datas, um em especial não tem sequer número de páginas. Fizemos um trabalho de garimpagem em seus 15 números com o auxílio de outros materiais[6] procuramos definir algumas datas, mas, mesmo assim, até agora algumas ainda permanecem imprecisas.

A origem, porém, é nítida: em busca de caminhos alternativos para discutir e divulgar o que acontecia no campo "psi", um grupo de estudantes e psicólogos reuniu-se em torno da idéia de fazer uma revista. Surgiu, assim, a Rádice. Foram investidos 6 meses de trabalho desde a formação da equipe[7], a arrecadação de algum dinheiro até a edição final da revista. Tudo isso foi feito sem que o grupo original tivesse, inicialmente, a menor idéia de como fazer uma revista, do que era uma lauda, dos tipos de papel, dos custos e, ainda por cima, sem sede, sem telefone... apenas alguns rapazes e moças latino-americanos sem dinheiro no bolso mas cheios de idéias na cabeça.

Seu primeiro número foi lançado em 20 de setembro de 1976[8], em uma festa no Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro. Teatro alugado, participação garantida de artistas como Djavan, Ângela Rôrô, Therezinha de Jesus, entre outros, a festa só foi liberada pela censura meia hora antes. Um fato marcou o evento: houve um atraso na impressão da revista*, "problemas gráficos aguaram nosso chope*"[9].

Inicialmente, o ponto de encontro dos organizadores era o bar 004 na Rua Farani, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro, e um "orelhão" ali perto era o meio de contato com os distribuidores e colaboradores da revista. Depois de algum tempo, conseguiram uma pequena sala na Casa do Estudante Universitário, que se transformou em escritório da revista, sua sede provisória até conseguirem alugar uma sala comercial no centro da cidade.

O nome da revista foi escolhido por Carlos Ralph, que se inspirou na palavra latina *radix*[10]. Em seu primeiro número, a capa trazia uma grande raiz em sépia, com o nome da revista destacado em preto. Ralph apontou[11] que a expressão "*revista de psicologia*" foi agregada mais tarde[12], pois a intenção naquele momento era provocar a curiosidade dos que a vissem.

Abrindo a revista, vê-se uma citação de Edgard Morin[13]. Na terceira página está o editorial, assinado por Ralph, que também assinará todos os seguintes. Neste, apresenta-se a proposta da revista:

> ... ser, fundamentalmente, uma revista de jornalismo da Psicologia. Na verdade, não tenho muita clareza sobre o que seja esse jornalismo, mas acho que tentando mostrar, discutir, saber o que está acontecendo na Psicologia, estaremos no caminho certo (1976: *Rádice, 1*(1)).

Também se deixa claro que a revista não está ligada a "*... nenhuma instituição, medalhão ou – esperamos – tomadas*" (1976: *Rádice, 1*(1), citando em seguida alguns

[4] Conceito apresentado por Lapassade e Lourau, o analisador é um dispositivo, "aqueles acontecimentos que podem agitar a Assembléia Geral socioanalitica permitindo fazer surgir, com mais força, uma análise; que fazem aparecer, de um só golpe, a instituição 'invisível...'(Lourau, 1993, p.35).

[5] Título de poesia de Carlos Drummond de Andrade.

[6] Utilizamos o jornal O Sigmund, do IBRAPSI (Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições) entrevistas com Ralph, bibliografia sobre "as práticas psi" e a imprensa alternativa no período no Brasil.

[7] Além de Carlos Ralph, que no expediente aparece como editor-geral, os colaboradores do primeiro número foram: Joel Bueno, Jussara Lins, Eduardo Tornaghi, Regina Salim, David Bocai, Jean dos Santos, Maria da Glória, Solange Perdigão, Ângela Bernardes, Milton Athayde, Tereza Costa Barros, José Novaes, Maria Buschinelli. Arte: Ruben Fernandes, Vera Bernardes, Washington Lessa, Carlos Ralph. Composição: Sergio Falcão. Montagem: Roberto Dalmaso (1976: *Rádice, 1*.)

[8] Esta data não se encontra em nenhuma parte do primeiro número. Como em relação a outras tantas, foi presumida. No n.º 4 (setembro/1977), comemorando 1 ano da revista, na "Sessão Geralmente", p.5, há uma nota que, ao falar desse percurso, fornece alguns indícios de datas: "*Em setembro do ano passado, dia 24, saía da gráfica o primeiro número da Rádice*". Temos, pois, dois acontecimentos a nos indicar a data do primeiro número da revista: a festa de lançamento e a referência à data de saída da gráfica.

[9] 1997: *Rádice, 1*(2), 4 ("Sessão Geralmente").

[10] Radic (i)-. [Do lat. *Radix*, *icis*] El. comp. = 'raiz': radicívoro; radical (Ferreira, 1986).

[11] Entrevista com Carlos Ralph realizada em 04/06/2002.

[12] Está no número 2, desaparece no número 3 e é uma constante do número 4 até o último.

[13] Sociólogo e pensador francês, nascido em Paris em 1921, participou da resistência ao nazismo durante a II Guerra Mundial. É um dos mais importantes pensadores da atualidade.

jornais que faziam parte da imprensa alternativa[14], como o Bondinho, Ex, Pasquim, Movimento, Opinião, Scaps, Versus, Ordem e Abertura, a "família" da qual participavam: "*... chegamos para fazer parte desse mundo subterrâneo, dessa espécie nanica que sobrevive sem vender consciência*" (1976, *Rádice, 1*(1)). No editorial há a promessa de ser uma revista bimestral com planos de, no futuro, transformar-se em mensal, mas esta promessa nunca se cumpriu. Não existe nenhuma referência quanto à tiragem. Nos primeiros tempos, a revista era divulgada através do famoso "boca-a-boca" – denominado "*distribuição direta*" - e vendida nos centros acadêmicos das universidades e em algumas bancas de jornal no Rio de Janeiro. Nos outros estados sua distribuição inicial ocorreu através da Editora Ground Informação; esta parceria manteve-se até o quinto número, quando Rádice passou a ser distribuída pela Bagaço Editora Promoções e Publicidade ltda[15].

No primeiro número foram publicadas quatro matérias, um comentário sobre livro, uma entrevista com um aluno de psicologia (Thiago) que havia abandonado a faculdade, além das sessões "Estágios" e "Geralmente", esta a única que se manteve do primeiro até o último número.

Na página quatro, Rádice traz a tradução de uma matéria da revista "Temps Modernes", dirigida, na época, por Jean-Paul Sartre, que é a transcrição de uma gravação feita por um paciente do tumultuado diálogo entre ele e seu analista, acompanhada de uma carta do paciente, não assinada. Na carta, o paciente conta sua fuga de um hospício francês e como começou a fazer análise. Com inúmeras críticas ao tratamento psicanalítico, sugere o título de "*diálogo analítico*" para a matéria. Este diálogo foi publicado no Brasil no número 39 da revista Bondinho e a Rádice decidiu também divulgá-lo[16].

O artigo seguinte, assinado por Carlos Ralph, intitula-se "*Inteligência e nutrição – a psicologia da inteligência está limpa*". Uma foto sugestiva (de Beto Felício), de mãos com luvas cirúrgicas, ilustra a matéria em que Ralph apresenta inúmeras críticas à pesquisa e prática "assépticas" no campo da psicologia, apontando a utilização de testes psicológicos importados, sem reflexão sobre sua adequação às precárias condições econômicas e sociais da maioria da população brasileira.

Os trabalhos de Russo (1993) e Coimbra (1995) nos mostram que nos 1970 ocorreu o "*boom*" dos cursos de psicologia e também da psicanálise no Brasil. Os cursos de graduação tinham um currículo voltado para os estudos sobre comportamento humano, avaliação psicológica (testes e diagnósticos) e uma tendência médico/organicista clara. Em sua maioria, os que concluíam os cursos de psicologia, procuravam ingressar nas sociedades de psicanálise[17], enfatizando um tipo de clínica individualista, valorizando o domínio privado e intimista. A psicanálise naquele momento parecia oferecer as soluções para os dramas das famílias de classe média. As autoras citadas enfatizam que, naquele período, surgem os que contestam esse predomínio individualista, as práticas, produtoras e reprodutoras de uma determinada ordem social hegemônica naquele momento histórico e que produziam subjetividades aderentes a ela, que se conformam silenciosamente.

Como um bom representante deste movimento de oposição às práticas hegemônicas da época, Carlos Ralph critica o afastamento das questões políticas e sociais do país por parte dos "psis" brasileiros, bem como sua ênfase nos pressupostos "científicos" e, portanto, "neutros" da psicologia. Seu artigo termina ridicularizando a psicologia de então:

> ... o que acontece é que até agora a Psicologia de uma maneira geral está limpa até demais. Asseada, bem tratada, educada, bonita, condescendente. Freqüenta os melhores clubes, hotéis, casas, palacetes. Sempre risonha, discute inteligentemente os temas softs do momento, as últimas modas, os últimos encontros. Uma perfeita dama. Atende a domicílio, aceita gorjetas (1976: *Rádice, 1*(1), 10-11).

Nas páginas 20 e 21, encontramos um outro exemplo das críticas feitas então tanto à psicologia quanto à medicina, entendidas como práticas voltadas para a

[14] Nos anos 1970, surgiu no Brasil um tipo de imprensa, denominada alternativa ou nanica, nomes derivados tanto de sua circulação ser bem menor que a dos periódicos da "grande imprensa" quanto do fato de nela serem publicadas matérias sobre temas que a grande imprensa se recusava a publicar, com medo da censura. Os jornais e revistas nanicos eram, em sua maioria, ligados a grupos de esquerda. Logo em suas primeiras publicações, a par das dificuldades econômicas para sua continuidade, sofriam, também, perseguições políticas, pois uma imprensa deste tipo dava voz a temas polêmicos, que questionavam a ditadura militar.

[15] A partir do oitavo número, outra empresa assumiu a distribuição: foi criada a Editora Raízes, Psicologia e Informação Ltda. Ainda não temos dados precisos sobre esta editora.

[16] Em todas as partes da revista encontramos uma de suas marcas mais impressionantes: a irreverência. Ao final da transcrição do diálogo, à página 9, existe uma observação "*FIM (chupado do Bondinho n.º 39)*".

[17] A Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) sempre aceitou psicólogos, mas as duas sociedades cariocas (a Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) e a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ)) somente aceitavam médicos. Esta realidade mudou no início dos anos 1980, quando as sociedades perderam fôlego, candidatos e clientes, após a "explosão" do caso Amílcar Lobo, médico em formação na SPRJ que foi acusado de, enquanto médico do Exército, ter participado de sessões de tortura. Ver, a respeito, Coimbra (1995) e Russo (1993).

[18] Nos anos 1970, não havia o cargo de psicólogo nos serviços de saúde. Os que ali trabalhavam eram contratados como «estagiários» e alguns recebiam apenas uma ajuda de custo. Nestes serviços eram hegemônicas práticas como a prescrição de eletrochoques, punição em celas de isolamento para os pacientes mais «agressivos», contenção nos leitos, impregnação medicamentosa, todas elas fundamentadas no modelo da psiquiatria clássica/positivista. Neste período a assistência médica havia passado a se basear principalmente na compra de serviços privados pelo INPS (Instituto Nacional de Previdência Social, criado em 1966, como efeito das políticas altamente centralizadoras instauradas no país após o golpe de 1964. Posteriormente suas funções foram subdivididas entre vários ministérios). Esse tipo de estratégia gerou um aumento nos custos dos serviços de saúde e inúmeras distorções em sua prática, como, por exemplo, o crescimento do número das internações psiquiátricas, auxiliando a expansão da rede privada, fenômeno que ficou conhecido como a ''indústria da loucura''. A atenção para o que acontecia dentro dos hospitais psiquiátricos brasileiros tornou-se tema de outros números da Rádice, em especial o número sete, de 1978, totalmente dedicado à denúncia de atos violentos ocorridos em hospitais psiquiátricos.

restauração das “normas”, da submissão das diferenças através do diagnóstico e de seu controle por meio da prevenção. O artigo intitulava-se “*Dominação/submissão na prática médica*”, resumo da dissertação de Maria da Glória Ribeiro da Silva.

Segue-se o relato da psicóloga Sandra Medeiros, “*uma experiência (no ninho)*”, sobre sua experiência de estágio de um ano no Instituto de Psiquiatria/UFRJ[18]. Inicia seu artigo levantando interrogações sobre os critérios de seleção, que não foram muito claros, pois no grupo de iniciantes ao qual pertencia, havia pessoas formadas e outras ainda na faculdade, o que provocava uma confusão sobre a quem se destinava o estágio. Também aponta problemas na supervisão que no início era feita por duas supervisoras e depois a tarefa foi delegada às estagiárias mais antigas. Outra crítica referia-se à maneira como os médicos viam as assistentes sociais e os psicólogos, como “profissionais auxiliares” que estavam ali apenas para a aplicação de testes, os “testólogos”, como menciona em seu artigo. Mas, no balanço final da experiência, Sandra apresenta uma conclusão positiva, pois o grupo de estagiários conseguiu se organizar e se fazer representar junto à diretoria. Também conseguiram mais espaço nas reuniões e discussões clínicas.

A Sessão Geralmente, neste número, ocupa as páginas 28 a 30. Sobre ela, a própria Rádice diz: “*é o picadinho. Vale quase tudo. É pra todo mundo também. Um certo molejo é bom*” (1976: *Rádice, 1*(1)). Ou seja, este é o espírito da sessão, notas breves sobre diversos assuntos, erratas, indicações de leituras, divulgação dos jornais e revistas da imprensa alternativa e, também, algumas ironias sobre o Conselho Federal de Psicologia, o Conselho Regional do Rio de Janeiro e as direções conservadoras dos cursos de psicologia.

Fechando o primeiro número, está a reprodução de uma carta do cacique da tribo Duwamishi, enviada em 1855 ao então presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce. Nesta, o cacique defende a terra dos índios que, sob a desculpa do progresso, o governo pretendia “adquirir”. Esta é a primeira das demonstrações de que o interesse pela ecologia e a defesa dos povos massacrados por atitudes arbitrárias e autoritárias dos governos foi, também, uma das marcas da Rádice.

O segundo número

Na capa do segundo número já aparece a expressão “*revista de psicologia*”. Logo abaixo, as chamadas de capa, com uma novidade: destacam-se trechos da entrevista com Helena Jobim, sobre sua experiência de internações psiquiátricas após ter recebido o diagnóstico de “neurose obsessiva”; entrevista com Jurandir Freire Costa sobre a psiquiatria no Brasil; comentários de Jean-Paul Sartre sobre a publicação na revista “Temps Modernes” do diálogo gravado pelo paciente, objeto do número um da revista. Há ainda destaque para o “Jornal da Comunidade”, produzido pelos pacientes do hospital psiquiátrico Portugal Ramalho em Maceió, Alagoas. Os trechos selecionados e publicados às páginas 19, 20 e 21 eram poesias e pensamentos escritos pelos pacientes, que ora falavam do sofrimento pelo qual passavam por causa de sua “doença”, ora prestavam homenagens aos médicos e à instituição. Também se destaca a sessão de Estágios e Mestrados.

Na página 2, um desenho de Newton Lima e uma citação retirada do livro *Laços* de R. Laing, em seguida o editorial, apontando modificações na revista decorrentes de encontros, debates e discussões ocorridos nas faculdades. Ou seja, os principais interlocutores da revista, à época, situavam-se no meio acadêmico e, podemos supor, eram os estudantes.

Percebe-se que a experiência obtida com a realização do primeiro número fez com que o grupo se organizasse melhor, lapidasse o texto e sua proposta, promovesse mudanças na linguagem gráfica e um (inesperado!) aumento no preço, atribuído à falta de anúncios, já que as editoras, fonte principal de recursos, preferiam os meios de comunicação de maior alcance. A distribuição foi ampliada, atingindo um número maior de faculdades em quase todos os estados do país. A sessão Geralmente ganhou destaque, com mais páginas e um espaço para cartas enviadas pelos leitores, chamado “*opinião*”.

Rádice, terceiro número

No número três da revista, o item principal é uma grande entrevista com a Dr.ª Nise da Silveira (1906/1995), em que esta conta alguns fatos de sua vida e de seu trabalho inovador. Um trecho da entrevista particularmente nos agrada, o relato de sua prisão à época da ditadura Vargas. Em 1936, uma enfermeira a denuncia, ao ver que tinha livros sobre marxismo. Nise ficou presa durante um ano e meio, período em que conheceu Graciliano Ramos, que a colocou como personagem de “Memórias do Cárcere” (1953). Em relação ao seu trabalho, conta a criação da Casa das Palmeiras, fundada em 23 de dezembro de 1956, com o ousado propósito de oferecer um lugar (com oficinas terapêuticas e laborativas) para os egressos dos hospitais psiquiátricos. Ou seja, muito antes do surgimento do movimento anti-manicomial, a Drª. Nise demonstrava sua preocupação com os que recebiam alta médica e não conseguiam retomar seus vínculos – destruídos e apagados pelos longos anos de internação.

Versando ainda sobre o tema “loucura”, neste número também foram publicados: a “*Carta aos diretores dos asilos de loucos*” de Antonin Artaud (1896-1948); uma conferência de Ronald Laing ocorrida em Londres, em fevereiro de 1977, gravada e traduzida por Gilberto Lourenço Gomes, e, um debate entre Jurandir Freire Costa e Jairo Coutinho França sobre a questão da prevenção na psiquiatria e a medicina comunitária.

Como nos primeiros números, o terceiro saiu sem data e sem preço de capa, embora mantivesse o mesmo número de páginas, 34. A data presumida, 1977, decorre de alguns dados, como um trecho do editorial: “*Rádice 3 fechou sua edição em fins de abril e escrevo esta comunicação no início de maio, portanto um mês antes da entrada em circulação*”[19]. Além disto, há, na página cinco, na Sessão Geralmente (número 3, 1977), uma nota anunciando o

[19] Editorial, 1977: *Rádice, 1*(3).

fechamento do jornal Opinião: "*no dia primeiro de abril saiu o último número de Opinião. 230 números publicados, 4 anos e meio de lutas. Opinião voltará com seu novo logotipo, temos certeza*." Recorremos a Kucinski (2003) para buscar esta data com maior precisão, *"... acabou, em abril de 1977, após 231 semanas, o jornal que deveria durar cem anos*" (pág. 337). Supomos, então, que a Rádice número três saiu em junho de 1977.

A capa do número três apresenta o negativo da foto de um gato, provavelmente uma homenagem à Dr.ª Nise, conhecida fã dos bichanos.

Além da sessão Geralmente e da sessão de Estágios, publica-se a sessão Livros, com resenhas de Joel Bueno, Carlos Ralph, Jussara Lins e José Novaes[20]. No expediente há um destaque maior para as funções que cada um desempenhava, mais organizado que nos números anteriores[21]. Novos colaboradores surgem, no Rio de Janeiro, em outros estados e também fora do país, indicando, talvez, uma ampliação da distribuição.

No editorial do terceiro número, mais uma crítica aos "*psicólogos tupiniquins*" (expressão utilizada pela revista) que, psicologizando e normatizando comportamentos, tornando-se modelos de referência para a sociedade, naturalizavam uma postura "neutra" (porque "científica") da psicologia, reduzindo os enfrentamentos políticos e sociais às explicações psicológicas sobre o indivíduo, culpabilizando-o, psicologizando as práticas do cotidiano:

> as explicações 'psicológicas', quase sempre reduzindo as reais dimensões dos problemas a rebuscadas conjeturas individualizantes, serviram para mistificar, para esconder fatos... Vemos então que os psicólogos brasileiros – especialmente os psicólogos sociais – estão de tal forma perdidos e dissociados de nossa realidade, de tal forma comprometidos com modelos 'limpos' estrangeiros, que simplesmente, não têm nada a declarar neste momento [referindo-se ao fato dos psicólogos e seus "laudos" terem desaparecido das páginas da imprensa]. Servem ao poder com eficiência e discrição e só (1977: *Rádice, 1*(3), Editorial).

Uma nova revista, uma nova psicologia. Nesses trechos aqui apresentados verificamos o surgimento de problematizações do campo "psi" que iam além da reação às "verdades incontestáveis" produzidas pela ciência ou uma crítica aos currículos universitários. Um profundo incômodo com algumas práticas e suas alianças marcou aquele momento.

Os outros números

Outros exemplos que marcam a trajetória da revista é o número seis (1978) - em cuja capa vem estampada a palavra "*tortura*" -, onde as matérias denunciam os atos violentos e assassinatos de militantes políticos nos calabouços brasileiros, destacando a história do Frei Tito, e com artigos escritos pelo militante, na época preso no presídio Frei Caneca, Alex Polari.

Carlos Ralph também relata o recebimento de um envelope sem identificação que continha a denúncia do seqüestro da presidente da Federação de Psicologia da Argentina pelas forças da repressão, denúncia publicada na Rádice nº 11 (1979).

Nas páginas da Rádice podemos encontrar, em geral, várias denúncias sobre os "laços" das práticas "psi" com as engrenagens da ditadura. Como exemplo, podemos citar o título de membro honorário conferido pelo Conselho Federal de Psicologia ao ex-ditador Médici, como "*ato de gratidão por ter assinado a lei que criou os conselhos de psicologia*"[22], resolução pouco divulgada pelos órgãos de representação nacional e, portanto, pouco conhecida pelos psicólogos. Mas Rádice não nos permitiu deixar de conhecer momentos trágicos como este na história da Psicologia no Brasil.

Ao longo dos anos, a revista foi crescendo, aumentando seu alcance nacional e ampliando o número de assinantes; segundo Ralph[23], esse número chegou a dois mil. Aumentavam também, na mesma proporção, as dificuldades financeiras, já que a revista tinha uma produção cara e, até seu último suspiro, sua diagramação e montagem foi feita de forma manual, pois não dispunham de muitos recursos. De acordo com as análises de Ralph, o formato de revista foi ficando pequeno para os interesses dos que a produziam, "*a Rádice cresceu demais, e quando uma coisa cresce muito corre um grande perigo. A tiragem não deu conta, pois o modo de fazer era artesanal. Acabou porque cresceu*".

Considerações Finais

A Rádice foi certamente um modelo único de revista de psicologia. Propondo –se como um espaço, um placo para o debate, apresentou temas e autores estrangeiros (e nacionais) de grande relevância que eram até então desconhecidos pela maioria dos "psis".

Além disto, é um espaço para divulgação do pensamento de autores brasileiros que falam sobre a história da psicologia no Brasil ou que apresentam contribuições interessantes para novas práticas, não mais centradas no modelo individualista-positivista até então reinante.

Sua denúncia à suposta neutralidade da psicologia reflete, sem dúvida, o pensamento circulante no meio psi, só que poucos até então se atreviam a lançar mão de

[20] Os livros são, respectivamente: Miller (1976), Greene (1976), Sussekind (1976) e Rogers & Rosemberg (1977).

[21] Editor geral – Carlos Ralph. Coordenações: redação – Joel Bueno; serviço – Jussara Lins e Ângela Bernardes; distribuição – Antonio Peixoto e Luiz Brandão; publicidade – Paula Borsoi; assinaturas – Elaine Tavares; divulgação – Maria Sonia Destri; livrarias – Denise Louro; estados – David Bocai e Eduardo Tornaghi; exterior – Maria Buschinelli; jornalista – Tereza Walcacer; arte – Vera Bernardes e Ruben Fernandes; fotos – Jussara Lins, Agência JB, O Globo; composição – Sergio Falcão e Ormino; montagem – Roberto Dalmaso; impressão – editora Vecchi. Colaboraram: Carlos Pastana (Belém, PA), Lucinda Freire (Recife, PE), Carlos Bezerra (João Pessoa, PB), Salomão Luna (Maceió, AL), Maria Eugênia (Salvador, BA), Tetê Catalão (Brasília, DF), Editora Textual (Belo Horizonte, MG), Leila Castilho (Juiz de Fora, MG), Roberto Tavares (Santos, SP), Maria Terezinha (Ribeirão Preto, SP), Regina Gaio (Campinas, SP), Carlos de Oliveira (Curitiba, PR) e José Nóbrega (Ontário, Canadá).

[22] 1980: *Rádice, 12*, 5 (Sessão Geralmente).

[23] Entrevista com Carlos Ralph em 29/02/2004.

ferramentas outras para apontar novas formas de fazer psicologia. Rádice será um destes poucos.

Referências

Araújo, M.P.N. (2000). *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

Coimbra, C. M. (1995). *Guardiães da ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do " Milagre"*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor.

Ferreira, A.B.H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Kucinski, B. (2003). *Jornalista e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP.

Lourau, R.(1993). *René Lourau na Uerj: análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro: Eduerj.

Rodrigues, H.B.C. (2002). *No rastro dos "cavalos do diabo". Memória e História para uma reinvenção de percursos do paradigma do grupalismo-institucionalismo no Brasil*. Tese de Doutorado não-publicada, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

Russo, J. (1993). *O corpo contra a palavra: as terapias corporais no campo psicológico dos anos 80*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Revistas

Rádice, *1*(1) - 1976

Rádice, *1*(2) - 1977

Rádice, *1*(3) - 1977

Rádice, *2*(6) - 1978

Rádice, *2*(7) - 1978

Rádice, *3*(11) - 1979

Rádice, *3*(12) - 1980

Rádice, *3*(13) - 1980

Rádice Teoria/Crítica, *1*(1), - 1980.

Alessandra Daflon dos Santos é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ). Endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, Pavilhão João Lyra Filho, 10.º andar, Bloco F, sl. 10120, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: aledaflon@uol.com.br

Ana Maria Jacó-Vilela é Prof.ª Dr.ª do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social/UERJ). E-mail: amjaco@uol.com.br

Alessandra Daflon dos Santos e Ana Maria Jacó-Vilela
Rádice: passado e futuro.
Recebido: 14/09/2005
1ª revisão: 09/01/2006
Aceite final: 11/01/2006